

Adeus a Abdias

Antonio Sérgio Alfredo Guimarães

Morreu hoje Abdias, aos 97 anos. Paulista, acompanhou ainda jovem a movimentação da Frente Negra Brasileira, nos anos 1930, e com a sua geração aprendeu o orgulho de ser negro, o inconformismo com a subalternidade social, e a indignação contra o preconceito. Nos anos 1940, levou para o Rio de Janeiro, para a capital da República, as sementes de um movimento social moderno, herdeiro do abolicionismo, cuja principal bandeira era a cidadania do negro, sua emancipação completa, seu reconhecimento integral na nação brasileira. Direitos que deviam ser conquistados com luta e radicalidade, na cultura e na política, pois Abdias se revoltou e rompeu desde cedo com o paternalismo das elites brasileiras. Foi muitas vezes contundente, sem meios termos, mas sem ódio e com muita habilidade política. Atuou no jornalismo carioca e lá lançou a revista de cultura *Quilombo*, um marco na luta por democracia racial, que depois do Holocausto tinha-se transformado na bandeira de luta anti-racista. Nesta empreitada, buscou e encontrou aliados em intelectuais como Nelson Rodrigues, Arthur Ramos ou Florestan Fernandes, que perceberam que a integridade moral, política e social dos negros não se confundia ou se negociava em mestiçagem. Quem o conheceu soube o que é ser um negro em quem o estigma racial não pega, mas, ao contrário, é capaz de deslanchar a indignação política racional, metódica e organizada.

Abdias foi um intelectual que se esculpiu a si mesmo, a partir da experiência de sua geração. Purgou a prisão em Carandiru, como muitos pobres. Estudou o que pode - contabilidade e economia, que nunca exerceu. Como “doutor” encarou os brancos de igual para igual. Encontrou nas artes, primeiro no teatro e depois nas artes plásticas, um modo de expressão subjetivo mais completo de sua negritude, mas fez dos escritos políticos sobre o racismo brasileiro a sua arma principal de liberação. Seu trabalho político passou pelo parlamento e pelos movimentos sociais. Assim como lutou pela democracia racial nos anos 1950, se desvencilhou desta bandeira em 1964, quando ela já não podia mais avançar a luta pelos direitos civis e sociais dos negros, transformada que fora num mito adocicado e emasculado de boa convivência racial. Os anos de vida de Abdias do Nascimento foram felizes e bem vividos, pois durante a sua breve vida (“a morte chega cedo, pois breve é toda a vida”) o movimento social que ajudou a criar foi muitas vezes vitorioso, obtendo o reconhecimento internacional de suas bandeiras e, cem anos depois da Abolição, a adoção pelo estado brasileiro de políticas públicas de integração social e respeito étnico. Abdias fez filhos, plantou árvores, escreveu livros; ao deixar um Brasil melhor para os negros, semeou e colheu os frutos da paz.